Valor Econômico
Publicado em 10/10/2023 - 05:58

**Conflito gera temor de escalada em outros países e tensão nos mercados**

**Tensão** Petróleo foi o ativo que mais diretamente sofreu os efeitos do conflito e fechou em forte alta

# Ataque do Hamas a Israel eleva cautela nos mercados

**Gabriel Roca, Gabriel Caldeira, Arthur Cagliari e Matheus Prado**
De São Paulo

Os mercados globais iniciaram o pregão de ontem sob forte tensão, após os ataques do Hamas a Israel no fim de semana. Ao mesmo tempo em que os preços do petróleo exibiram alta forte, com os receios de uma escalada do conflito para outros países da região, a procura dos investidores por proteção levou o ouro a avançar e os juros globais a uma queda firme. O dia, no entanto, terminou num tom diferente, com queda do dólar e um avanço das ações em Nova York e no Brasil, impulsionados por declarações de dirigentes do Federal Reserve, o banco central americano.

O impacto do conflito nos mercados ainda não está muito claro. Em meio ao cenário internacional já frágil, com a escalada forte dos juros longos dos Estados Unidos nas últimas semanas, a nova instabilidade geopolítica acrescenta mais um fator de incerteza para a trajetória dos ativos no curto prazo. A alta do petróleo carrega um componente inflacionário, dependendo de onde os preços chegarem. Por outro lado, a aversão a risco pode levar a uma queda nos rendimentos dos títulos globais.

O Brent com entrega para dezembro fechou em alta de 4,22%, a US$ 88,15 o barril, na ICE, em Londres. O cenário contribuiu para uma alta das ações ligadas ao setor da bolsa local. As ações ordinárias e preferenciais da Petrobras avançaram 4,10% e 4,30%, respectivamente, enquanto Prio ON subiu 8,78% e 3R ON teve alta de 6,01%. Isso ajudou a fazer o Ibovespa a encerrar a sessão em alta de 0,86%, aos 115.156 pontos, enquanto o dólar comercial fechou em queda de 0,61%, no segmento à vista, negociado a R$ 5,130.

"Um impacto maior nos preços de energia poderá ocorrer caso houver deterioração nas relações entre Israel e os demais países da região. A principal possibilidade seria o Irã, uma vez que o país financia as atividades do Hamas. Caso seja apontado de forma mais clara o envolvimento do Irã com as atuais ações em território israelense, a guerra poderá mudar de patamar. Neste caso, poderíamos ter a produção de petróleo, bem como o escoamento da produção, afetada", afirma o economista sênior da Occam e professor de economia da PUC-Rio, André Duarte.

Para Duarte, no estágio atual, os impactos da escalada do conflito ainda são incertos. "Mesmo que não haja um efeito direto nos preços de energia, o declínio da estabilidade geopolítica deverá levar a mais gastos em defesa e mesmo outros conflitos. Há uma preocupação global cada vez maior com os déficits elevados, não apenas de países considerados fiscalmente mais frágeis, mas também de economias centrais como os EUA", diz. Assim, o cenário no médio e longo prazo pode ser o de pressão renovada nos juros dos títulos.

> "O declínio da estabilidade geopolítica deverá levar a mais gastos em defesa"
> *André Duarte*

Por outro lado, a busca por segurança acaba reduzidno as taxas dos títulos globais. "Muitas vezes, esses efeitos podem ter magnitudes diferentes em prazos diferentes. Por isso, no curto prazo, o efeito preponderante pode ser para baixo. Com o tempo, os outros efeitos podem ser mais relevantes", afirma Duarte.

A postura dos investidores em busca por proteção ficou refletida na queda dos juros europeus. A taxa do bund alemão de dez anos recuou de 2,888% para 2,776%. O ouro subiu 1,02%, a US$ 1.864,30 a onça-troy. Em Nova York, o índice Dow Jones fechou em alta de 0,59%, a 33.604,65 pontos, o S&P 500 subiu 0,63%, a 4.335,66 pontos, e o Nasdaq avançou 0,39%, para os 13.484,24 pontos.

Para conter a depreciação da moeda do país, o BC de Israel anunciou que planeja vender até US$ 30 bilhões de suas reservas para apoiar o shekel, que tocou o menor nível em sete anos. O shekel israelense exibiu o pior desempenho frente ao dólar ontem dentre as moedas acompanhadas pelo **Valor**. A divisa americana avançou 2,40%, a 3,95 shekels.

Um aspecto importante é que os ativos globais operaram sem a referência dos títulos americanos ontem, já que o feriado de "Columbus Day" manteve os mercados de renda fixa fechados nos Estados Unidos. Porém, os mercados de derivativos de juros funcionaram e mostraram uma queda nos instrumentos, em linha com o observado na Europa.

Ao longo do dia, o humor do mercado foi melhorando com os sinais de que o processo de aperto monetário nos EUA pode estar se aproximando do fim. A presidente do Fed de Dallas, Lorie Logan, afirmou que o aumento recente dos rendimentos de Treasuries de longo prazo pode ajudar a desacelerar a economia americana e a levar a inflação de volta à meta de 2%. Assim, se a alta dos juros for consistente, haverá "menos necessidade por aperto monetário adicional", disse ela, considerada uma dos membros mais "hawks" (inclinadas ao aperto monetário) do banco central americano.

Já Philip Jefferson, vice-presidente do Fed, alertou que qualquer alta de juros adicional deve ser feita com cautela para não provocar danos à economia. Os comentários fizeram os investidores retirar boa parte das apostas em um novo aumento de juros na próxima reunião da autarquia. Segundo o CME Group, o mercado vê apenas 11,5% de chance de uma alta de 0,25 ponto percentual, contra 27% na sessão anterior.

No Brasil, o DI para janeiro de 2026 recuou de 10,835% para 10,67% e o DI para janeiro de 2027 caiu de 11,085% para 10,895%.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

**Seção:** Finanças **Caderno:** C **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2026.